Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1025
ESTUDOS BÍBLICOS

Lobos em pele de cordeiro:

leitura de Ezequiel 34,1-10 a partir dos olhares das vítimas

Wolves in sheep's clothing: reading Ezekiel 34,1-10 from the perspective of the victims

Fabrizio Zandonadi Catenassi* e Luiz Alexandre Solano Rossi**

* Doutor em Teologia e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Londrina, Brasil.
fabriziocatenassi@gmail.com

** Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestre em Teologia pelo ISEDET. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil, e no Centro Universitário Internacional, Curitiba, Brasil.
luizalexandrerossi@yahoo.com.br

Recebido em: 02/07/2024
Aprovado em: 06/10/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Este artigo propõe uma análise teológica do texto de Ezequiel 34,1-10 a partir do olhar das vítimas. Ali, Deus em pessoa decide ocupar o lugar deixado pelos pastores/reis e colocar um fim definitivo à dor do exílio. Yhwh, o verdadeiro bom pastor, interessado e preocupado com o rebanho, poderá fazer o rebanho viver em paz e em bem-estar. Se a força de Deus era notada na História Deuteronomista pela arca indo à frente das batalhas para garantir vitória, Ezequiel 34,1-10, ele vai à frente das ovelhas, como um escudo protetor. A injustiça toca o coração de Deus e o veste de juiz para fazer reinar o direito sobre o povo. A mensagem soa bem para os exilados: mesmo em terra estrangeira e sob os rumores do abandono de Yahwh, eles continuam sendo chamados por Deus de "minhas ovelhas". Para isso, suscitará uma autoridade que possa eliminar a exploração e opressão do povo por uma classe privilegiada. Essa autoridade política deverá se colocar a serviço do povo anunciando assim uma nova era de paz e de prosperidade para o povo fraco e empobrecido.

Palavras-chave: Ezequiel, maus pastores, apascentar, exílio, condenação.

Abstract

This article proposes a theological analysis of the text of Ezekiel 34,1-10 from the point of view the victims. There, God Himself decides to take the place left by the shepherds/kings and put a definitive end to the pain of exile. Yhwh, the true good shepherd, interested and concerned about the flock, will be able to make the flock live in peace and well-being. If the strength of God was noted in the Deuteronomist Story by the ark going to the front of the battles to ensure victory, Ezekiel 34,1-10 shows him going before the sheep, like a protective shield. Injustice touches the heart of God and dresses him as a judge to make justice reign over the people. The message sounds good to the exiles: even in a foreign land and amid rumors of Yahwh's abandonment, they continue to be called by God "my sheep". For this, he will raise up an authority that can eliminate the exploitation and oppression of the people by a privileged class. This political authority must place

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

itself at the service of the people, thus announcing a new era of peace and prosperity for the weak and impoverished people.
Keywords: Ezekiel, bad shepherds, shepherding, exile, condemnation.

1 Introdução

Ezequiel, com seu olhar que perscruta a sociedade, percebe uma violência sistêmica e endêmica que se encontra espalhada por todos os lugares. Mas, o que o profeta observa e o incomoda, bem como incomoda o coração de Deus? A lista é enorme (Rossi, 2024, p. 6): exploração e opressão dos mais fracos (22,7), calúnias criminosas (22,9), suborno (22,12), usura (22,12), roubos (22,25), assassinatos (22,6). A violência ao assumir múltiplas formas produz também a multiplicação das vítimas em suas mais variadas formas: pobres (22,9), órfãos (22,7), viúvas (22,7), imigrantes (22,7). Todavia, a violência não é um fenômeno natural e/ou permitido por Deus. Ao contrário, observamos em Ezequiel que são muitos ainda os agentes de opressão denunciados por ele: o rei (17), os profetas (13), o Templo e seu funcionamento (8), a aristocracia em geral (22,23-31). Alguns textos são exemplares da realidade vista e percebida pelo profeta que merecem ser enfatizados: "Prepare correntes, porque a terra está cheia de crimes de sangue, a cidade está cheia de violência" (7,23); "Ele me disse: 'Vês, filho do homem? Acaso é pouco, para a casa de Judá, cometer as abominações que fazem aqui? Eles encheram a terra de violência e tornaram a irritar-me. Eis que eles fazem chegar o ramo ao próprio nariz!'" (8,17)[1].

A imagem do pastor em Ezequiel é usada em dependência direta de Jr 23,1-4, que utiliza a designação preferentemente em contexto negativo, quando denuncia o mau governo: "Sim, os pastores foram estúpidos e não procuraram o SENHOR, por isso não tiveram sucesso, e todo o seu rebanho foi disperso" (Jr 10,21). Impressionante queixa também se encontra em Is 56,11: os pastores são incapazes de compreender, cada um vai por seu caminho e sua ganância, sem exceção. É dramática também a lamentação desolada de Zacarias: "Ai do pastor inútil, que abandona as ovelhas! Uma espada sobre seu braço e sobre seu olho direito! Seu braço se secará completamente e o olho direito se obscurecerá totalmente" (Zc 11,17).

Muito provavelmente o profeta esteja pretendendo apresentar o exílio como o resultado da última e mais grave injustiça dos governantes. A acusação principal que se dirige aos pastores é que não cumpriram a missão que a eles estava destinada. Responsabilidade e serviço faziam parte de suas prioridades. Na verdade, as acusações refletem a dupla opressão desses reis/pastores. Diz o texto bíblico que eles agem em proveito próprio: ao nutrir-se, vestir-se e matar; e que, ao desviarem os olhos das necessidades mais básicas do povo, deixam-no em situação difícil; dessa forma os pastores não restauram, não curam, não enfaixam, não fortalecem, não reconduzem e não buscam as ovelhas que estão perdidas. Se os pastores/reis são um reflexo da arbitrariedade e da crueldade, torna-se necessária a substituição dos maus governantes por outros que sejam bons governantes. Nesse caso podemos falar no reverso da medalha. É nesse sentido que este artigo propõe uma análise teológica do texto de Ez 34,1-10 a partir do olhar das vítimas. Ali, Deus em pessoa decide ocupar o lugar deixado pelos pastores/reis e colocar um fim definitivo à dor do exílio. Yhwh, o verdadeiro bom pastor, interessado e preocupado com o rebanho, poderá fazer o rebanho viver em paz e em bem-estar.

[1] As citações bíblicas seguem o texto de A Bíblia (2023).

2 A condição política antes do exílio da Babilônia

Há várias informações temporais que vão compondo o enredo de Ezequiel, o que nos permite situá-lo em um panorama histórico amplo de Israel. No entanto, a primeira informação temporal, que salta à vista do leitor logo no primeiro versículo causa mais imprecisão que certezas. Ezequiel recebe sua missão no "trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês" (Ez 1,1). A dificuldade reside em precisar a que se refere o "trigésimo". Aqui, preferimos considerar o trigésimo ano de Ez 1,1 como o quinto ano da deportação do grupo de Jeconias, feita em 593/2 a.C., seguindo referências importantes do profetismo bíblico (Alonso Schökel; Sicre Díaz, 2002, p. 687; Ábrego de Lacy, 1998, p. 200).

Trata-se de uma fase conturbada no cenário político internacional. Por muitos anos, o povo assírio tinha estendido seu domínio sobre a Palestina, com a crueldade militar que sustentava sua fama entre as nações. A Assíria, sob Sargão II, foi responsável pela queda do Reino de Israel, o que é bem retratado pela literatura bíblica. Quando o rei Nabopolasar caiu enfermo, o império assírio passou por um momento de forte instabilidade. Os povos dominados sentiram o alargamento de sua autonomia: em Jerusalém, o rei Josias conduziu uma grande reforma religiosa (celebrada em 622 a.C.) possibilitada por um império dominante enfraquecido.

Essa reforma concentrou o culto em Jerusalém e eliminou os traços de fé estrangeira em Israel, contando com a destruição dos lugares altos, dos cultos idolátricos, de cultos sincretistas, das estelas e do culto em Betel (2Rs 23,10-15). É importante notar que a reforma religiosa de Josias dificilmente significou uma mudança substancial na vida dos camponeses pobres que ofereciam seus tributos ao rei (Pixley, 2008, p. 75-76). Havia um projeto tribal feito por refugiados nortistas, que haviam fugido da dominação assíria, conhecido como "deuteronomista", que não compactuava com os ideais dos sacerdotes de Jerusalém em sua totalidade (Catenassi, 2018, p. 167). Os grandes beneficiários de reformas centralizadoras eram, de fato, quem estava no centro. Esses grupos, que já detinham poder entre os israelitas, certamente vibraram com a valorização de Jerusalém, legitimada por um discurso religioso primoroso. Em sentido político, o projeto de restauração guardava a manutenção de um sistema de privilégios sociais, que reafirmava um grupo pequeno de uma elite urbana em detrimento de grande parte da população que trabalhava nos campos.

Porém, o faraó Necao assassinou Josias em Meguido em 609 a.C., levou seu sucessor, Joacaz, para o Egito e colocou Joaquim, irmão de Josias, como rei em Judá. O afã que se havia criado com a reforma josiânica logo caiu por terra e foi substituído pela preocupação com os temas políticos que dominavam o mundo. A Babilônia crescia cada vez mais e Assíria e Egito tentavam impor-lhe resistência. Os líderes em Jerusalém ficaram em dúvida sobre que lado tomar e os conflitos internos tomaram conta do reino (Jr 38,5).

Em 598 a.C., Joaquin foi colocado no governo em Jerusalém, mas três anos mais tarde, decidiu parar de pagar tributos à Babilônia, tendo uma resposta avassaladora. Nabucodonosor invadiu Judá em 597 a.C., fez um saque ao Templo e levou para o cativeiro na Babilônia os ferreiros, artífices e a casta real e sacerdotal de Jerusalém (2Rs 24,10-17). Provavelmente, nessa primeira deportação, a família de Ezequiel, por sua origem sacerdotal foi com o mutirão para a Babilônia.

Ao assumir a data da vocação de Ezequiel como sendo cinco anos depois dessa deportação, podemos imaginar o cenário político que ele viveu. Nos anos anteriores à deportação, era um jovem que dificilmente conseguia compreender a extensão das conversas que escutava sobre a política. As informações não chegavam na velocidade de hoje, mas

as guerras assírias, o envolvimento do Egito e a ameaça Babilônia certamente eram os assuntos que iam espalhando-se tanto nas cidades quanto em Jerusalém.

Vindo de família sacerdotal, o profeta provavelmente foi deslocado com sua família para a Babilônia. Saiu do esplendor religioso de Jerusalém, com suas promessas, profecias e seguranças e foi para o novo império, que tomava conta do mundo. O novo cenário mexia com a estrutura política dos reinos, refazia os pactos e submissões e, nos casos de deportação, constituía um verdadeiro desafio manter e reconstruir a identidade dos povos dominados sob a política, cultura e religião da Babilônia. E foi sob as sombras do império babilônico que Ezequiel amadureceu pessoalmente e aprofundou suas críticas sobre o estado do seu povo em território estrangeiro.

Uma nova deportação aconteceu por causa da rebelião do rei deixado por Nabucodonosor em Jerusalém, Sedecias, sendo contida com grande severidade pelos babilônicos: sitiaram Jerusalém, destruíram a cidade e levaram grande parte da população com eles (2Rs 25,1-21). Essa segunda deportação é a que conhecemos como o "exílio na Babilônia" e é a que aparece como marco teológico para os israelitas. Temos informação de que outra deportação aconteceu em 582 a.C., mas infelizmente, dela conhecemos pouco.

A queda de Jerusalém em 586 a.C. foi um marco para o desenvolvimento do judaísmo. A religião e a política estavam tão afiançadas nos governantes da capital de Judá, que a primeira servia para fundamentar a segunda. Não se esperava uma derrota de um lugar que abrigava tantas promessas divinas reforçadas em instituições alicerçadas há séculos. Não era fácil para o israelita lidar com a "dor política" que vinha da queda de Jerusalém. Mesmo fora da cidade arrasada, chegavam as notícias por correspondência das mortes, relatos de destruição, pobreza. A Cidade Santa estava contaminada por estrangeiros e subjugada, tratada como vassala da Babilônia. O templo havia sido profanado e só restavam pedras sobre pedras. Contudo, a destruição do templo exterior escondia uma dura realidade: a religião israelita já estava deteriorada há anos.

3 A metáfora dos pastores e das ovelhas

> [1]Veio a mim a palavra do SENHOR. [2]Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel. Profetiza e dize-lhes, aos pastores: Assim diz o Senhor DEUS: Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmos! Não é ao rebanho que os pastores devem apascentar? [3]Vós vos alimentais com o leite e vos cobris com a lã, sacrificais as cevadas. O rebanho não apascentais. [4]Não fortalecestes a débil, a doente não curastes, a ferida não enfaixastes, a desgarrada não reconduzistes e a perdida não buscastes. Dominaste-as com força e com dureza. [5]Dispersaram-se por falta de pastor e tornaram-se alimento para todos os animais do campo. Elas se dispersaram. [6]Meu rebanho vagueia por todos os montes e por todas as colinas elevadas. Sobre toda a superfície da terra meu rebanho se dispersou e não há quem o busque, não há quem o procure.
> [7]Por isso, pastores, ouvir a palavra do SENHOR: [8]Por minha vida, oráculo do Senhor DEUS, já que meu rebanho tornou-se presa, e minhas ovelhas tornaram-se alimento para todos os animais do campo, por não haver pastor, e meus pastores não buscaram meu rebanho – ao contrário, os pastores apascentaram-se a si mesmos e não apascentaram meu rebanho. [9]Por isso, pastores, ouvi a palavra do SENHOR: [10]Assim diz o Senhor DEUS: Eis-me contra os pastores. Exigirei meu rebanho das suas mãos, farei com que deixem de apascentar o rebanho. Os pastores não mais se apascentarão. Livrarei meu rebanho de sua boca, de modo que não será alimento para eles.

O livro de Ezequiel traz dois grandes blocos literários que denunciam os pecados de seu tempo: Ez 4–24 traz oráculos contra Judá e Jerusalém e Ez 25–32 estende a condenação a partir de oráculos contra os cúmplices do império, especialmente Tiro e o Egito. A

partir do cap. 33, o texto parte para oráculos relacionados a uma restauração futura, desenhando um modelo ideal de comunidade, a "Israel do futuro", que só pode ser alcançada se a comunidade tiver transformações importantes dentro dela (Renz, 2002, p. 106). O prólogo (vv. 1-2a) é a base na qual toda a condenação será elaborada, afirmando a origem divina das palavras do profeta, a natureza profética da mensagem e os destinatários delas (Cevallos; Wyatt; Wyatt, p. 298). A força da palavra de Yhwh no prólogo reaparecerá em um refrão exortativo repetido por duas vezes no texto: "Por isso, pastores, ouvi a palavra do Senhor". São elementos que acentuam a força do discurso condenatório, mas também realçam os traços de esperança que emergem na segunda parte do relato (34,11-16).

Ezequiel é um livro construído a partir de muitas imagens que funcionam como símbolos que reforçam a dimensão teológica do profeta. Especificamente em Ez 34,1-10, o campo semântico do "pastor" abunda no oráculo, o que exige um primeiro olhar sobre seu possível significado no texto.

Na época de Ezequiel, a metáfora do pastor era típica do governo e, por atribuição, aplicada também aos deuses. Em 3.000 anos a.C., os sumérios já aplicavam aos reis e aos deuses o título de pastor, o que aparece frequentemente em inscrições reais (Blekinsopp, 2010, p. 156)[2]. Bock (1998, p. 281) explicita a origem suméria do provérbio que diz "Um povo sem um rei [é como] ovelha sem um pastor", mostrando como o termo sumério "pastorear" (*re'û*[3]) era usado como sinônimo para "liderar". O rei babilônico Hamurabi (séc. XVIII a.C.) e o assírio Assurbanipal (séc. VII a.C.) são chamados em textos oficiais com o título de "pastor". Os hinos mais antigos da realeza egípcia tratam do dever de sincero amor para o rei, chamado de pastor, pelo qual os seus súditos respiram e vivem (Eichrodt, 1970, p. 469). Os escritos egípcios trazem como uma das fórmulas típicas a afirmativa de que "Deus escolheu o rei para ser o pastor do Egito e o defensor do povo" (Bock, 1998, p. 281, tradução nossa). Homero também frequentemente trata os reis como pastores dos povos (Monari, 1992, p. 101). Contudo, Asurmendi (1985, p. 56) lembra que, mesmo nos povos do Antigo Oriente, "os reis são chamados 'pastores de seu povo enquanto representantes da divindade, porque o verdadeiro pastor do povo é o deus".

À luz do cuidado vigilante com seu rebanho e da missão cheia de responsabilidade pessoal e prontidão para o serviço/sacrifício, Israel também atribuirá aos chefes do povo o título de pastor. Moisés é um pastor de ovelhas em Madiã (Ex 3,1), como lembra o profeta Isaías (Is 63,11). Davi é rei, mas também será identificado como pastor nos hinos israelitas (Sl 78,70-71). Há outros registros bíblicos de líderes sendo chamados de pastores (Is 44,28; Jr 2,8; 10,21; 23,1-6). Quando Ezequiel emprega o termo em 34,1-10, a quem se refere?

Há dúvidas quanto à identificação dos "pastores" do oráculo condenatório de Ezequiel: o livro condena os nobres que circulavam ao redor de Sedecias, incluindo os anciãos de Jerusalém citados no cap. 8; os chefes desonrados de Ez 22,27; os falsos profetas do capítulo 13, que anunciam "Paz, paz!" quando não há paz; ou ainda os líderes da comunidade exilada na Babilônia (Bock, 1998, p. 282). Contudo, na denúncia dos falsos pastores do cap. 34, o termo parece referir-se aos últimos líderes da realeza de Israel, diante do uso do termo em outras partes da Bíblia Hebraica (2Sm 5,2; Is 44,28; com reflexo em Zc 13,7) (Joyce, 2009, p. 196; Duguid, 1994, p. 39).

[2] Uma ampla seleção dos textos sumérios e babilônicos relacionadas aos governantes como pastores é elencada por Bock (1998, p. 279-281).

[3] Utilizou-se como referência para a transliteração o texto de Lambdin (2012).

4 Apascentar-se a si mesmos e usar a ovelha para benefício próprio

A condenação aos falsos pastores começa com um duro "ai", que não é típico de Ezequiel, mas que resguarda, na linguagem profética, a força condenatória de um discurso contra um personagem ou uma nação. A acusação fundamental que acompanha o início do texto é de que os pastores esquecem das ovelhas e passam a pastorear-se a si mesmos. No cenário pré-exílico, logo se pensa na política dos governantes de Israel, como Sedecias, que decide deixar de pagar seus tributos, mesmo sob a ameaça de fazer perecer todo o povo com sua recusa. Ele estava a serviço de quem? De seus interesses pessoais e políticos ou do povo?

Na imagem da Jerusalém ideal, não é possível repetir os mesmos erros da história de Israel. O pastor não é autônomo para escolher quem quer pastorear ou quais deveres cobrará e quais direitos permitirá com relação ao povo. Para Ezequiel, são falsos os pastores que mudam a vocação para a qual foram chamados: são administradores das ovelhas de Deus, não donos, por isso não podem manipular sua vocação de maneira egoísta. Os reis estão a serviço de Deus quando são designados como chefes e pastores do povo. Por isso, não podem simplesmente ignorar as necessidades das ovelhas: elas pertencem a Deus. Os direitos inalienáveis sobre as ovelhas são de Deus.

A compreensão da extensão da missão do pastor, que não pode ser mudada – "Não é ao rebanho que os pastores devem apascentar?" – confere ao serviço de liderança uma grandeza de responsabilidade que exige esforço constante, inclusive, com sacrifícios em favor da proteção e das necessidades de seu rebanho (Eichrodt, 1970, p. 470). Fora da imagem romântica do pastoreio, o pastor é aquele que entra em brigas por seu rebanho, dorme pouco, está vigilante todo o tempo, porque sabe que de seu dever depende a sobrevivência das ovelhas.

Nos vv. 3-4, a acusação é dura, com 10 proposições. O primeiro grupo, com quatro (3 positivas e uma negativa) e o segundo, de seis (cinco negativas e uma positiva). Ali, são elencados comportamentos dos pastores condenados, os quais não são necessariamente condenáveis. Eles utilizam as ovelhas para sua própria alimentação e para fazer suas próprias roupas. Participar dos benefícios de ter um rebanho não recebe um juízo de valor por Ezequiel. É lícito ao pastor que se alimente das ovelhas e use sua lã para vestir-se. "Passando da parábola para a realidade, seria compreensível que o rei tivesse suas vantagens, vivesse comodamente graças a seus súditos, contanto que se preocupasse com eles" (Sicre Díaz, 1990, p. 539).

O problema é a operacionalização dos benefícios em favor próprio, sem o senso de responsabilidade que o cargo ocupado exige. As ovelhas são fonte de renda para o pastor, seja dono do rebanho ou contratado para mantê-lo. Mas, se não fortalece a ovelha fraca, não cura a doente e não vai atrás da desgarrada, o usufruto dos benefícios transforma-se em condenação. O que legitima a missão do pastor não é os benefícios que recebe com seu cargo, mas sua preocupação com o rebanho. Os pastores condenados por Ezequiel vivem a ótica do poder mercantilista. A comunidade vira o degrau de baixo da cadeia alimentar, por isso pode ser usado como sustento, mas sem a necessidade de receber nenhum benefício por isso.

Em lugar de alimentar as ovelhas, os pastores alimentam-se delas: os pastores se comportam relativamente às ovelhas como se fossem feras e não pastores. Este é o sentido de apascentar a si mesmos. Apascentam-se a si mesmos fazendo das ovelhas seu "manjar"; mesma situação que se encontra no v. 8, onde se lê que as ovelhas se transformaram em

pastos das feras selvagens. O interessante do v. 10 é a transformação dos pastores em feras devoradoras do rebanho. Há indicações que enfatizam o caráter selvagem destes pastores/feras: o "livrarei meu rebanho de suas presas" (nesse contexto, a palavra hebraica *peh*, lit. "boca", é mais bem traduzida e com mais propriedade por "presas" do que por "mãos", ou seja, as mãos dos pastores/feras são como garras através das quais eles prendem as ovelhas) e "livrarei de suas bocas". É interessante recordar alguns textos nos quais as ovelhas aparecem em relação às feras selvagens. Trata-se sempre, nesses casos, de uma ação destruidora por parte das feras, diante da vulnerabilidade das ovelhas que se convertem em presa fácil: Jr 50,17; Mq 5,7; 1Sm 17,34-36.

Ao elencar as ovelhas cheias de dificuldades e um grupo superior a elas, Ezequiel retrata uma dura realidade anterior ao exílio: a situação de extrema desigualdade que povoava Jerusalém. Kessler analisa as denúncias de Sofonias, mostrando realidades novas na urbanização de Judá a partir da destruição do Norte: um estado cortesão que se veste de acordo com a moda assíria e um grupo social formado por comerciantes e pesadores de dinheiro (Kessler, 2009, p. 143). Parece que Ezequiel, mesmo exilado, luta contra a realidade que conhece, que estava na base da queda de Jerusalém.

> Responsabilizados são os governantes e seus ideólogos (príncipes, sacerdotes, funcionários, profetas e *am-ha-hares*), aos quais estão contrapostos as viúvas, miseráveis, pobres e estrangeiros como vítimas. Também a metáfora do pastor (Ez 34) parte das contradições entre pastores e rebanho (governantes e povo), bem como dentro do próprio rebanho, a saber, a contraposição de pobres e fracos (Kessler, 2009, p. 143-144)

A condenação dos maus pastores segue mostrando como o papel central do serviço, que deveria caracterizar o pastor, é ocupado pelo domínio e pelo poder. "Apascentar" passou a ser sinônimo de "dominar". A expressão hebraica correspondente ao rigor e a dureza com que eram tratados é *rəḏîṯem ʾōṯām ûḇəp̄āreḵ*, encontrada de forma semelhante somente em Ex 1,13, referindo-se à maneira pela qual os egípcios tratavam os escravos hebreus e em Lv 25,43.46, quando se perdoa tratar um companheiro israelita dessa forma (Duguid, 1994, p. 39). Dessa forma, Ezequiel condena os líderes por obliterarem os princípios éticos divinos revelados na história de Israel e se comportarem justamente como a lei de Moisés condenava.

5 Ser responsável direto pela morte das ovelhas

A única segurança que a ovelha tem vem do pastor. De outra forma, facilmente pode ser devorada pelos animais ferozes do campo, roubada ou morrer por machucados. A acusação no v. 5 manifesta o valor que um pastor que não pastoreia tem: nenhum! Esvazia-se o sentido do pastoreio. É como se não existisse pastor, a ponto de o discurso de Deus mostrar que as ovelhas estão desgarradas justamente por não haver pastor (v. 5.8). Para Sicre Díaz (1990), a dupla informação de que não há pastor e que os pastores não cuidam de suas ovelhas reflete a corrupção generalizada das estruturas religiosas em duas épocas distintas: antes e depois do exílio.

Ezequiel defende que os pastores são responsáveis diretos pelo exílio na Babilônia. Em última instância, a culpa é de Joaquim e Sedecias. A deportação não foi uma atitude militar urgente, mas um processo que se desenrolou por mais de uma década, de 597/8 a 586. Portanto, faltou tino político para os líderes nos acordos com os grandes impérios da época. Certamente, a preocupação com o povo poderia favorecer a luta para que a

população não fosse esmagada pelas políticas de deportação da Babilônia. Com isso, ressalta-se o caráter social do texto de Ezequiel. O termo "desgarrar" é predileto de Ezequiel para falar da dispersão dos exilados. Eram "uma presa fácil para todas as feras do campo, aqui representadas pelas nações hostis do mundo. Estavam no mais patético de todos os estados, pelo menos para a mentalidade oriental, eram como ovelhas sem pastor (cf. 1Rs 22:17; Mt 9:36)" (Taylor, 1984, p. 197).

O comportamento dos governantes os desqualifica como pastores e os alinha na categoria de feras selvagens. Exercem sobre elas um pastoreio opressivo que, possivelmente, revela uma clara referência à situação de opressão no Egito, como já apontado, e assim seria possível usar a opressão no Egito como chave de leitura. A referência ao êxodo é direta através da leitura de Ex 1,13-14, que retrata a violência dos trabalhos impostos aos israelitas: "Os egípcios, com brutalidade, fizeram os filhos de Israel servirem. Amargura-ram suas vidas com servidão dura, com argila e tijolos, e com toda a servidão do campo. Entre eles serviram, em toda a sua servidão, por causa da brutalidade". Acusam-se, portanto, os governantes pela atitude que adotam em relação aos mais fracos da comunidade. A vulnerabilidade indica sempre uma condição de debilidade corporal, tanto física como espiritual, incluindo a enfermidade. Em nosso texto encontramos uma bela relação textual entre fortalecer e curar, e fracas e enfermas. A atitude dos pastores com relação às fracas é marcada por um "não" recorrente: não fortalecem, não curam, não fazem voltar, não buscam. A situação, que já era marcada pela negação – debilidade, enfermidade e exclusão –, vê-se reforçada pela falta de intervenção libertadora dos pastores. O final do v. 4 é mais sombrio: os pastores não somente não intervêm libertadoramente, mas quando intervêm, a intervenção deles é opressora: eles oprimem as ovelhas com força e violência. De fato, estamos diante de um capítulo que revela a profunda hierarquia de poder em que os mais fracos podem, a qualquer momento, ser devorados. Na metáfora dentro da metáfora, pode-se dizer que são lobos em pele de cordeiro.

6 A adoção divina, libertação das garras dos pastores

A condenação de Ezequiel é influenciada por Jr 23,1-8 e constitui uma reflexão expandida do texto de Jeremias, apresentando um avanço interessante quanto ao texto. Em Jeremias, o comportamento condenável dos pastores de Israel concentra-se em perder e dispersar o rebanho. A ação divina garante a volta dos expatriados, mas também passa pela restituição do verdadeiro pastoreio, que é remetido, de forma oracular, ao "germe de Davi" (Jr 23,5).

Também em Is 1,21-28, uma primeira e vigorosa lamentação sobre Jerusalém, os príncipes são acusados de rebeldes e aliados dos ladrões, sem nenhuma preocupação social com o que mais sofre (v. 23-24). Deus promete a construção da Cidade da Justiça, passando pela conversão dos governantes (v. 26), salvando Sião pelo direito e pela justiça. O final da lamentação harmoniza melhor com o texto de Ezequiel: "mas destruição haverá para rebeldes e pecadores juntos, e perecerão os que abandonam o SENHOR" (Is 1,28).

Contudo, a metodologia divina para o cuidado das ovelhas, no livro de Ezequiel, não passa pela destruição dos pastores. Provavelmente, o público exílico que escuta a profecia tinha diante dos olhos um modelo monárquico tão fracassado, que o destino dos reis depostos já sinalizava a falência dos reis de Israel (Joyce, 2009, p. 197) A atitude de Deus é generosa: adota o rebanho. A salvação prometida neste oráculo reafirma o compromisso do amor constante de Deus sobre seu povo. É uma mensagem poderosa e importante para

a atuação profética de Ezequiel no Exílio, quando é preciso reanimar e reorganizar os israelitas que estão dispersos em terra estrangeira, sem um governo seguro (Savoca, 1992, p. 150).

Deus tira a guarda do rebanho dos pastores/líderes e o adota pessoalmente, o que não significa relapso quanto aos pastores. O tom continua enérgico: a fórmula *hinnî* do v. 10 é de enfrentamento, entre os pastores e Deus. A oposição entre as autoridades e Deus, dono do rebanho, ganha dramaticidade máxima. Mas, em oposição ao esvaziamento de sentido da função pelos pastores, está o ser de Deus, que carrega, em diversos outros cenários, o formato de pastor. A tradição bíblica desenha Deus como verdadeiro pastor do povo (Sl 23,1; 77,21; Is 40; 44,28), que o guia pelo deserto para chegar à bons pastos, terra que mana leite e mel, até em textos muito antigos, como Gn 49,24. No conjunto do cap. 34, o vocabulário confirma a assimilação do rebanho na guarda de Deus, verdadeiro pastor. O termo "meu rebanho" aparece 20 vezes (com ou sem pronome pessoal).

Não é estranho que o juízo divino (v. 10) inclua em sua dimensão positiva uma libertação equiparável àquela que Deus fez no êxodo contra o poder opressor dos egípcios. O "livrarei meu rebanho de sua boca" recorda a decisão de Deus de libertar seu povo da dura escravidão: depois de ver a opressão, ouvir as queixas contra os opressores, fixar-se no sofrimento do povo, Deus decide intervir: ele desceu para libertá-los – o mesmo verbo empregado por Ezequiel para o livrar das bocas das feras é utilizado para a libertação no êxodo. O verbo *nāṣal* ("libertar"), que descreve a ação de Deus, é verbo de notável dramaticidade. Expressa o poder de Deus em confronto com outros poderes que aprisionam o povo, fazendo dele sua presa. Proverbialmente esses poderes são a opressão egípcia (Ex 18,9-11) e todo poder histórico que, oprimindo, participa da opressão, sejam inimigos poderosos ou adversários fortes (Sl 18,17-18), poderosos e exploradores (Sl 35,10); o inimigo agressor, malfeitor e sanguinário (Sl 59,2). O importante é que Ezequiel coloca os pastores/governantes de Israel na lista dos poderes opressores contra os quais Deus precisa lutar para defender seu povo. Para a teologia política de Ezequiel, a existência e a eficácia da monarquia somente seriam possíveis se estivessem vinculadas à correta utilização do poder público em benefício de todos os membros da comunidade do povo de Deus.

No texto subsequente, os vv. 11-16, mostram a preocupação e cuidado de Deus como pastor, formando um protótipo do verdadeiro governante de Israel. Estabelece-se o contraste entre o que os pastores do povo não fazem (vv. 1-10) e o que Deus fará (vv. 11-16). O termo "apascentar", naturalmente, forma o eixo temático central da primeira seção (Asurmendi, 1985, p. 51), mas também serve como elo que conecta os dois textos. As ações perdem a conotação política, os verbos começam a retratar um cuidado afetivo para o rebanho, estendido à condição de governo: "procurar", "buscar", "livrar", "dar repouso", "reconduzir".

7 Considerações finais

Se a força de Yhwh era notada na História Deuteronomista pela arca indo à frente das batalhas para garantir vitória, em nosso texto de Ezequiel, Deus vai à frente das ovelhas. Ele se coloca como escudo na frente das ovelhas. A injustiça toca o coração de Deus e o veste de juiz para fazer reinar o direito sobre o povo. A mensagem soa bem para os exilados: mesmo em terra estrangeira e sob os rumores do abandono de Yahwh, eles continuam sendo chamados por Deus de "minhas ovelhas".

Mas o profeta é claro em seu anúncio: as ovelhas devem ter claro que Deus se acha ao seu lado e pensa em salvá-las e, para isso, suscitará uma autoridade que possa eliminar a exploração e opressão do povo por uma classe privilegiada. Essa autoridade política deverá se colocar a serviço do povo anunciando assim uma nova era de paz e de prosperidade para o povo fraco e empobrecido. Dessa forma podemos dizer que esse capítulo é marcado pelo tom da esperança de que o problema da opressão não voltará a se repetir sob nenhuma forma. As feras não perturbarão mais; as nações inimigas não mais oprimirão o povo; a colheita será farta e, consequentemente, não haverá mais morte em decorrência da fome no país. Não se fala mais do templo, mas sim do messias. Aparentemente uma visão antimonárquica e pró-messiânica popular! "eu mesmo buscarei meu rebanho e seguirei seus rastros" (34,11) mostra a ação pessoal de Yhwh intervindo a favor das ovelhas mais fracas e está em franca oposição às ações dos pastores que dominam sobre elas com "força e com dureza" (Ez 34,4).

Referências

A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

ÁBREGO DE LACY, José María. *Os livros proféticos.* São Paulo: Ave-Maria, 1998.

ABREGO, José María. *Ezequiel.* Paris: Desclée De Brouwer, 2011.

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DÍAZ, José Luis. *Profetas I.* 2. ed. São Paulo: Paulos, 2002.

ASURMENDI, Jesús María. *O profeta Ezequiel.* São Paulo: Paulinas, 1985.

BLEKINSOPP, Joseph. *Ezekiel.* Lousville: John Knox, 2012.

BOCK, Daniel I. *The Book of Ezekiel.* Chapters 25–48. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. *Bíblia:* introdução teológica e história de Israel. Curitiba: Intersaberes 2018.

CEVALLOS, Juan C.; WYATT, Roy; WYATT, Joyce. *Ezequiel y Daniel.* El Paso: Mundo Hispano, 2009.

DUGUID, Iain M. *Ezequiel and the leaders of Israel.* Leiden: Brill, 1994.

EICHRODT, W. *Ezequiel:* a commentary. Lousville: The Westminster, 1970.

JOYCE, Paul M. *Ezekiel:* a commentary. New York: T & T Clark, 2009.

KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel.* São Paulo: Paulinas, 2009.

LAMBDIN, T. O. *Gramática do Hebraico bíblico.* São Paulo: Paulus, 2012.

MONARI, Luciano. *Ezequiel:* um sacerdote profeta. São Paulo: Paulus, 1992.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres.* 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

RENZ, Thomas. *The rethorical function of the book of Ezequiel.* Leiden: Brill, 2002.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Lendo o livro de Ezequiel:* esperança e imaginação profética. São Paulo: Paulus, 2024.

SAVOCA, Gaetano. *El libro de Ezequiel.* Barcelona: Herder, 1992.

SICRE DÍAZ, José Luis. *A justiça social nos profetas.* São Paulo: Paulinas, 1990.

TAYLOR, John B. *Ezequiel:* introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984.